

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

20 de Outubro de 2023

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O Documentário em Marcha – Conturbados
Anos 30 na América do New Deal – Guerras de Informação ao Estilo dos Anos 30

THE NEWS PARADE OF 1934! / 1934

de autor não identificado

THE WORLD IN REVIEW / 1934

AMERICA TODAY / 1934

de Leo Hurwitz

CONFIDENCE / 1933

de Bill Nolan

THE GREAT DEPRESSION / 1934

de Maurice Ballen

CENTURY OF PROGRESS / 1934

de autor não identificado

**MARIAN ANDERSON: THE LINCOLN MEMORIAL CONCERT /
1939**

de autor não identificado

ONE TENTH OF OUR NATION / 1940

de Felix Greene

Imagens (35 mm preto & branco): America Today: Leo Seltzer; The Great Depression: J. Freitag; One Tenth of Our Nation: Roger Barlow; dos restantes filmes do programa não indicados nas cópias / Música: Confidence: James Dietrich; One Tenth of Our Nation: Roy Harris; dos restantes filmes do programa não indicados nas cópias / Montagem: The World in Review e America Today: Leo Seltzer; The Great Depression: Maurice Bailen; dos restantes filmes do programa não indicados nas cópias / Som: não indicados nas cópias / Narração: One Tenth of Our Nation: Maurice Ellis; dos restantes filmes do programa não indicados nas cópias / Produção: America Today: Film and Photo League – Workers International Relief; One Tenth of Our Nation: Film Association Incorporation; dos restantes filmes do programa não indicados nas cópias / Cópias: The News Parade of 1934!: 35 mm; The World in Review: digital, mudo com intertítulos em inglês; America Today: 16 mm, mudo com intertítulos em inglês; Confidence: 35 mm; The Great Depression: digital, mudo com intertítulos em inglês; Century of progress: digital; Marian Anderson The Lincoln Memorial Concert: 35 mm; One Tenth of Our Nation: digital; todas versão original com legendagem eletrónica em português / Durações: 10, 7, 6, 8, 18, 16, 9 e 26 minutos / Estreias mundiais: Confidence: 31 de Julho de 1933; datas dos restantes filmes do programa não identificadas / Inéditos comercialmente em Portugal / Primeiras apresentações na Cinemateca.

Duração total da sessão: 100 minutos

AVISO: algumas das cópias apresentadas têm deficiências a nível da imagem ou do som, mas são as únicas disponíveis destes documentos cinematográficos de grande importância.

Este programa é deliberadamente eclético do ponto de vista formal e ideológico, de modo a delinear, em oito breves objetos cinematográficos, uma visão de conjunto sobre diversos modos de informação política. Foram realizados num país cuja economia estava devastada desde fins de 1929, com as gravíssimas consequências sociais que isto acarretou e que a partir de Janeiro de 1933, data do início do primeiro mandato de Franklin Roosevelt, buscou e encontrou soluções para soerguer a economia e a

sociedade com o New Deal, um *novo pacto* social, que o historiador Eric Hobsbawm definiu na sua autobiografia, *Interesting Times: a Twentieth Century Life*, como “*uma solução capitalista para salvar o capitalismo*”. Trinta anos depois, nos prósperos anos 60, o New Deal teria um eco nos projetos da Great Society de outro presidente democrata, Lyndon Johnson, com os seus programas de combate à pobreza a nível local, paralelamente ao apoio inegável dado ao combate dos negros pelos seus direitos, quando um autêntico apartheid reinava nos estados do Sul. Foram reunidos neste panorama das *Guerras de Informação ao Estilo dos Anos 30* atualidades “comerciais”, produzidas semanalmente e apresentadas nos cinemas antes de alguma longa-metragem de ficção (**The News Parade of 1934!**; **Marian Anderson: the Lincoln Memorial Concert**); filmes mudos de militância política, embora o som já se tivesse imposto há muito, que não foram certamente apresentados em salas de cinema abertas ao grande público e sim em reuniões informativas de grupos ativistas (**The World in Review**; **America Today**; **The Great Depression**; **Century of Progress**); um filme pedagógico-informativo (**One Tenth of Our Nation**) e um surpreendente episódio de cinema de animação, perfeitamente integrado no programa, **Confidence**. O conjunto oferece uma verdadeira narrativa, numa visão panorâmica.

No sentido estrito do termo, o único *documentário* deste programa é o filme que o fecha, **One Tenth of our Nation**, na medida em que as atualidades cinematográficas não analisam, mostram breves fragmentos de acontecimentos, embora de modo a insinuar uma mensagem política, ao passo que os filmes militantes são documentos mais do que documentários, com as suas impressionantes imagens que formam o avesso da fachada mostrada pelos filmes de atualidades. Embora os conservadores americanos abominassem Roosevelt e a sua política, **The News Parade of 1934!**, produzido pelo famigerado William Hearst e distribuído pela Metro Goldwyn-Mayer, a mais conservadora das *majors* de Hollywood dá uma imagem positiva do presidente. Como em qualquer programa de atualidades, há um pouco de tudo nesta *parada de notícias*, pois o que interessa é a simultaneidade dos acontecimentos apresentados (daí a expressão *atualidades*, transcrição portuguesa do termo utilizado em francês, *actualités*, ao passo que a palavra *newsreels* poderia ser traduzida por *notícias filmadas*): o coroamento do novo rei dos belgas, a morte de Hindenburg, uma aparição pública do Papa, um terramoto no Japão, uma greve, a “guerra ao crime”. O espectador pode estranhar a ausência de menções à atualidade americana, até que no desenlace surge a figura de Roosevelt, numa antítese ao que precedera. De Leo Hurwitz, conhecida e importante figura do documentário americano como realizador (**Native Land**), cinegrafista e montador, cofundador em 1936 da Frontier Films, produtora de reportagens de cunho progressista, poderemos ver dois exemplos desta última categoria, **The World in Review** e **America Today**, que fazem *pendant* e acabam por formar um díptico. O primeiro mostra um panorama lucidamente sombrio da situação internacional, com a chegada dos nazis ao poder, o segundo, mais fragmentário, aborda uma série de lutas muito específicas, mas altamente significativas dos combates sociais nos Estados Unidos: processos com motivações racistas, violentas repressões a movimentos de greve, protestos anti-nazis. Embora algumas passagens sejam certamente encenadas (o ataque ao caminhão que transporta leite durante uma greve), o que é tão velho como o cinema, o facto dos dois filmes serem mudos (por razões económicas?), acentua a força das imagens, que não são guiadas por uma voz *off*, apenas pontuadas por breves intertítulos informativos. Num intermédio muito bem-vindo, **Confidence**, um filme de animação com o coelho Oswald, criação dos estúdios Disney, traz uma nota de humor e otimismo ao programa. Na pele de um agricultor arruinado, como outros, pela catastrófica situação económica, o coelho vai à Casa Branca onde é recebido por Roosevelt. Num gesto surpreendente para o espectador, o presidente, embora paraplégico (não se conhece um único documento fotográfico em que ele seja visto numa cadeira de rodas) levanta-se com entusiasmo e diz ao coelho que ele e os demais devem ingerir o soro da confiança, num eco à celeberrima frase

pronunciada por ele no seu discurso de posse, destinada a dissipar o fatalismo e estimular a ação concreta: *“A única coisa de que devemos ter medo é do próprio medo”*. **The Great Depression** e **The Century of Progress** formam outro díptico no interior deste programa, o primeiro com um ponto de vista específico, o segundo com um olhar geral. Ambos têm algo de amador e chegam ao fim de modo abrupto, pelos menos nas cópias que são aqui apresentadas. Em **The Great Depression** o drama da catástrofe económica e social vivida nos Estados Unidos é abordado a partir do ponto de vista de um indivíduo e não de estatísticas ou de considerações gerais. Como teria sido o caso num filme de ficção, mas sem artifício algum, o confronto entre o homem, desempregado e sem perspectiva de emprego, que contempla seriamente a hipótese do suicídio, joga habilmente com o fenómeno da identificação do espectador com o personagem e termina de modo aberto, com um plano do rosto do homem, desalentado, mas ainda vivo. **A Century of Progress** trabalha a partir de contrastes, opondo belas palavras e tristes realidades, sublinhando a não distribuição das riquezas e tentando apontar para o futuro. Os dois últimos filmes do programa abordam a “questão negra”, o primeiro através de um caso específico, o segundo de modo genérico. **Marian Anderson: the Lincoln Memorial Concert** recria um episódio célebre na carreira do contralto de quem Arturo Toscanini disse que *“uma voz como essa só surge de cem em cem anos”* (o que infelizmente não é nítido na cópia que vamos ver) e que viria a ser a primeira negra a pisar o palco do Metropolitan Opera, já em fim de carreira. Num gesto de desagravo à cantora, vítima do racismo das ultra-conservadoras Daughters of the American Revolution, além de dar um recital na Casa Branca, Marian Anderson deu um breve concerto no Lincoln Memorial em Washington, o mesmo espaço onde vinte e quatro anos depois Martin Luther King faria o seu mais célebre discurso. A multidão presente é comparável à que assistiria àquele discurso e a montagem joga de modo magistral com o campo/contracampo entre o palco e a multidão, racialmente mista, mas na qual sobressaem de modo marcante os rostos negros, repletos de dignidade e contentamento, comovidos e comoventes. O filme que fecha o programa, **One Tenth of Our Nation**, é o mais desenvolvido e o único a ter um carácter pedagógico. No seu clássico *Da Democracia na América*, de 1835, Tocqueville observa que as populações brancas e negras dos Estados Unidos eram *“duas humanidades que se ignoram”*. Cem anos depois isto não mudara muito e este filme destina-se evidentemente aos espectadores brancos. Todo o discurso, narrado em *off* por um negro que, como é hábito entre os negros americanos refere-se aos seus irmãos de raça como *our people*, destina-se a “revelar” aos brancos quem são aqueles que formavam então dez por cento da população. Não terá sido por acaso que a escravidão é evocada apenas *en passant* (*“chegámos aqui há trezentos anos”*, ou seja, muito antes da maioria dos brancos, embora trazidos à força e acorrentados) e que não haja menção da guerra destinada a manter a escravidão, nem aos linchamentos, que eram uma atividade corriqueira nos estados do Sul, uma das regiões mais racistas do planeta. A proposta do filme não é recapitular horrores históricos, numa reivindicação justa, porém conflituosa, nem sublinhar a riqueza daquela cultura, no domínio da música por exemplo, mas indicar que aquela *humanidade ignorada* é formada por indivíduos, por famílias, estudantes e trabalhadores que têm o seu papel na riqueza do país. A instrução básica e superior, assim como a formação profissional são mostradas como ferramentas indispensáveis da integração daquelas populações na vida do país que também é delas, mas que as rejeita e finge que não existem. No plano final a câmara passa de um lavrador no seu arado às nuvens no céu. Antecipando em mais de vinte anos as ideias de Martin Luther King, as últimas palavras do filme são *“queremos que os nossos filhos sejam parte desta democracia”*, porém sem esquecer de levar em conta o que é dito num cartaz afixado numa sala de aulas: *“suba, embora a subida possa ser árdua”*.

Antonio Rodrigues